

O ESTRESSE OCUPACIONAL NA ATIVIDADE DE GERÊNCIA E ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO

Taciana Mirella Batista dos Santos¹; Griziele Sandrine de Araujo Rocha²;
Delmilena Maria Ferreira de Aquino³; Iracema da Silva Frazão⁴

Introdução: O estresse é um risco ocupacional para os trabalhadores da área da saúde. Na sua prática o enfermeiro desenvolve atividades gerenciais, assistenciais ou concomitantes, podem estar exposto a diferentes estressores e contribuem para diferentes níveis de estresse. **Objetivo:** comparar a presença de estresse entre enfermeiros nas atividades de gerência e assistência **Metodologia:** Estudo de caráter exploratório, descritivo e comparativo, de natureza quantitativa, realizada num hospital universitário de Pernambuco localizado, Recife. A amostra foi formada por 44 enfermeiros. A coleta consistiu num questionário auto-aplicável, ocorreu entre abril e maio de 2008. **Resultados:** Houve predominância de enfermeiros assistenciais. Os sintomas mais presentes nos enfermeiros assistências foi o grupo de Alterações Sono e Repouso, já os gerenciais foi o grupo Alterações Músculo-Articulares. Não foram encontrados escores alto de estresse, de maneira geral, os níveis confirmaram que os enfermeiros apresentam algum nível de estresse e os enfermeiros assistenciais obtiveram maiores escores. **Discussão:** As escolas de enfermagem dão prioridade à prestação do cuidado. Contudo, na prática o que se espera desse profissional é que seja capaz de gerenciar o serviço, e que claramente não se limita ao gerenciamento do cuidado. **Conclusões:** Espera-se que este estudo contribua para diminuir as tensões tanto do enfermeiro gerente quanto do assistencial, a partir do momento que se avalia as características e os nos críticos de cada atividade. Embora saibamos que essas atividades se completam e são inerentes a atividade enfermeiro. Palavras- chave: Esgotamento profissional; Estresse; Enfermagem.

Introduction : Stress is an occupational hazard for health care workers . In practice the nurse develops managerial activities , charitable or concurrent , may be exposed to different stressors and contribute to different levels of stress . **Objective:** To compare the presence of stress among nurses in management activities and assistance **Methodology:** exploratory , descriptive and comparative , quantitative , held in a university hospital located in Pernambuco , Recife . The sample consisted of 44 nurses . The collection consisted of a self-administered questionnaire , occurred between April and May 2008 . Results: There was a predominance of nurses . The most common symptoms in nurses assists was the group of Changes Sleep and Rest , since the management was the Changes group Muscle - Joint . There were no scores high stress , in general , levels confirmed that nurses have some level of stress and nurses had higher scores . **Discussion :** The nursing schools give priority to the provision of care. However, in practice what is expected of this professional is to be able to manage the service , and that clearly is not limited to the management of care . **Conclusions :** It is hoped that this study contributes to ease tensions as much as the nurse manager of care , from the moment that assesses the characteristics and critical in every activity . Although we know that these activities are completed and are inherent in the activity nurse. Keywords: Burnout; Stress; Nursing.

1 Enfermeira, Especialista em Enfermagem em Nefrologia. Mestranda em Hebiatria. E-mail: tacionamirella@hotmail.com

2 Enfermeira, Especialista em Enfermagem do Trabalho e em Saúde Coletiva. E-mail: grizrocha@hotmail.com

3 Enfermeira, Residente de Saúde da Mulher; E-mail: delmilena_@hotmail.com

4 Enfermeira. Drª Professora do Curso de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPE

1 Introdução

Entre os primeiros estudiosos do estresse, encontra-se Hans Selye. Durante o século XX, com sua visão direcionada ao modelo denominado biologicista, através de uma abordagem fisiológica, deu destaque para as manifestações neuroendócrinas que ocorrem no ser humano frente aos estímulos internos ou externos. Para esse autor o estresse é uma reação específica do organismo a qualquer estímulo. O estresse é um estado produzido por uma alteração no ambiente, a qual é percebida como desafiadora, ameaçadora ou lesiva ao equilíbrio dinâmico da pessoa. Existe um desequilíbrio real ou percebido na capacidade da pessoa de satisfazer às demandas da nova situação (BRUNNER & SUDDARTH, 2011).

O trabalho demanda grande tempo e energia do homem, e a vida profissional sofre interferências devido ao estresse, que se dá em consequência do conjunto de sintomas psicobiológicos que perturbam a adaptação humana (OLIVEIRA, 2013). No ambiente de trabalho o estresse surge do desequilíbrio entre as demandas e a habilidade que o indivíduo possui para administrá-las, e ainda, quando este ambiente parece ameaçador para o indivíduo (LINCH, 2010).

O trabalho é um fator de grande relevância para a vida das pessoas, capaz de prover sobrevivência e adaptação a diversas circunstâncias do dia-a-dia (DESSEN, 2010). O universo do trabalho é composto por contradições, apresentando-se, ao mesmo tempo, como espaço de criação e de repetição; espaço de exercício da tomada de iniciativa e ação pelo constrangimento de outrem; trabalho para benefício próprio ou do outro, realizado individualmente em grupo. Trabalhar resulta, pois, da interação de elementos dicotômicos, os quais determinam tanto a sua realização como sentido, quanto como alienação para seus agentes, o que gera sofrimento (BRASIL, 2009). Os profissionais que trabalham na área da saúde, em especial os enfermeiros, enfrentam em sua atividade laboral rotineira, estressores como enfrentamento da morte, turno do trabalho, baixos salários e a diversidade de cargos (LINCH, 2010).

Para Casanova (2010) as organizações exercem cada vez mais controle sobre seus funcionários, exigindo desses, níveis de qualificação e desempenho cada vez mais elevados, deflagrando o aparecimento do estresse ocupacional. Este é compreendido como um processo envolvendo estressores organizacionais e respostas dos trabalhadores a essas demandas organizacionais (CARDOSO, 2012). Os profissionais de enfermagem desempenham continuamente atividades em contato com pessoas, implicando, muitas vezes, em um trabalho desgastante, estando frequentemente envolvido em situações imprevisíveis e de sofrimento (REIS, 1990).

A enfermagem é uma profissão considerada como potencialmente estressante. A revista Veja publicou em 2004, que as profissões da área de saúde estão entre as profissões campeãs do estresse ocupando o terceiro lugar (ZAKABI, 2004). Nesta perspectiva, o estresse é um risco ocupacional para os trabalhadores da área da saúde, portanto é importante que seja identificado precocemente (CASANOVA, 2010). Nas suas práticas os enfermeiros desenvolvem atividades gerenciais, assistenciais ou concomitantes, podem apresentar diferentes níveis de estresse ou bem-estar, a depender da função exercida. Diferentes estilos de gerenciamento e, conseqüentemente, de subordinação, podem contribuir para redução ou agravamento do nível de estresse no trabalho (GADELHA, 2011).

Geralmente as condições pioram quando não há clareza nas regras, normas e nas tarefas que deve desempenhar cada um dos trabalhadores, assim como os ambientes insalubres e a falta de ferramentas adequadas. Devido às normas e regras sociais as pessoas se tornam prisioneiras do politicamente correto, obrigadas a apresentar um comportamento emocional ou motor incompatível com seus reais sentimentos de agressão ou medo.

A preocupação com estresse ocupacional relacionado com a função do enfermeiro surge do pressuposto que a integridade psicológica tem uma relação direta com a qualidade da assistência, consequentemente com os riscos de erro nas atividades desses profissionais (OLIVEIRA, 2013). O presente estudo tem como objetivo comparar a presença de estresse entre enfermeiros nas atividades de gerência e assistência em um hospital universitário da cidade do Recife-PE.

2 Metodologia

1.1 Delineamento do estudo

Estudo de caráter exploratório, descritivo e comparativo, de natureza quantitativa, realizada num hospital universitário de Pernambuco localizado em Recife.

1.2 População e amostra

A população do estudo foi formada por 48 enfermeiros. Considerando os critérios de inclusão, a amostra de participantes foi composta por 44 entrevistas: não foram realizadas 4 entrevistas devido a férias, licença médica e não preenchimento do instrumento. Critérios de inclusão: enfermeiros de ambos os sexos, e com pelo menos dois anos de experiência na referida instituição, que desejaram participar espontaneamente desta pesquisa. Critérios de exclusão: foram excluídos da pesquisa todos os indivíduos que se encontravam de férias, licença médica e aqueles que não preencheram o instrumento de coleta de dados.

1.3 A coleta de dados e o instrumento de coleta

A coleta ocorreu no período de abril e maio de 2008. O instrumento consistiu num questionário auto-aplicável. A primeira parte foi de autoria das pesquisadoras composta por 17 perguntas para coleta de informações pessoais, profissionais e hábitos de vida. A segunda parte constou de 49 perguntas relativas aos Fatores e Fontes de Estresse e estão divididos em cinco categorias: Conflitos de funções, Sobrecarga de trabalho, Relacionamento interpessoal, Gerenciamento de pessoal e Situações críticas. As afirmativas desse último instrumento foram apresentadas sob forma de escala de Likert, a qual permite discriminar diferentes pontos de vista. A escala tem valores de zero a cinco, sendo a zero (ausência de estresse) a 05 (estresse máximo). A terceira parte do instrumento foi composta por 35 perguntas relativas aos Sintomas de Estresse. Esses dados foram agrupados de acordo com sua semelhança semântica, em seis variáveis: Alterações Cardiovasculares, Alterações Gastrointestinais, Alterações Imunitárias, Alterações Sono e Repouso, Alterações Músculo-Articulares e Alterações do Ciclo Menstrual, e cinco perguntas sobre aspectos relacionados às condições de trabalho.

O estudo original foi criado pelo professor Benjamin Stora do Centre HEC-ISA, França e é reaplicado no Brasil com sua autorização para fins de estudo comparativo (SELYE, 1956 *apud*: LAUTERT, 1999).

1.4 Análise dos dados

A análise dos dados foi agrupada de acordo com sua semelhança semântica. Os dados coletados foram digitados em uma planilha do programa estatístico Epi-Info 2004 versão 3.2., para análise dos dados foi utilizado o programa Statistical Package for the Social Sciences para Windows.

1.5 Aspectos éticos

O presente estudo foi desenvolvido com anuência dos hospitais em questão e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, protocolo nº 069/2008.

3 Resultados

A amostra foi composta por 93,2% de mulheres e 6,82% do sexo masculino. Quanto ao estado civil, a maior frequência foi para os casados (56,82 %) e solteiros (31,82%). Os entrevistados 47,73% não possuíam filhos. A faixa etária encontrada com uma presença maior foi de 36 a 40 anos equivalente a 25% dos entrevistados. O maior percentual da amostra trabalha no turno da manhã com um 29,55%, seguido do turno integral com 25,00%, noite e turno variado, ambos com 18,18% e com um percentual de 9,09% o turno da tarde.

Na distribuição de cargos ocupados houve uma predominância de enfermeiros assistenciais (63,64%); 13,64% exerciam funções gerenciais e os que exercem as duas funções igualmente com 22,73%.

Tabela 1. Escore de estresse em relação às atividades dos enfermeiros de um hospital escola de Recife 2008.

FATORES E FONTES DE ESTRESSE	ATIVIDADE		
	ASSISTENCIAL	GERÊNCIAL	ASSISTENCIA/GERÊNCIA
CONFLITO DE FUNÇÕES	2,97	2,69	2,81
SOBRECARGA DE TRABALHO	3,00	2,57	2,95
RELACIONAMENTO INTERPESSOAL	2,07	1,86	2,31
GERÊNCIAMENTO DE PESSOAL	3,01	2,43	2,88
SITUAÇÕES CRÍTICAS	2,66	2,15	2,54

Tabela 2. Escore de estresse em relação às atividades dos enfermeiros correlacionado a carga horária de trabalho semanal de um hospital escola de Recife 2008.

CARGA HORÁRIA/SEMANAL	ASSISTENCIA	GERÊNCIA	ASSISTENCIA/ GERÊNCIA
40-50h	2,21	2,40	2,34
51-60h	2,89	2,05	2,26
61-70h	2,84	1,95	2,85
Acima de 70h	2,37		4,08

Tabela 3. Escore de estresse em relação às atividades dos enfermeiros correlacionado à remuneração, Recife 2008.

REMUNERAÇÃO	ASSISTENCIA	GERÊNCIA	ASSISTENCIA/ GERÊNCIA
1-3 salários	3,14	—	3,19
3-6 salários	2,38	2,63	2,90
Acima de 6	2,68	2,02	2,53

Observamos que os sintomas mais presentes nos enfermeiros assistências foi o grupo de Alterações Sono e Repouso (ASR) com 2,40, já os enfermeiros gerenciais o grupo Alterações Músculo-Articulares (AMA) com 2,30.

4 Discussão

Não foram encontrados escores de estresse que comprovem alto nível de estresse, embora de maneira geral, os níveis provem que os enfermeiros se encontram em um nível de estresse moderado para as variáveis estudadas. Esse fato pode ter ocorrido devido a instituição ser pública e a maioria dos funcionários estudados serem concursados, o que possibilita estabilidade, além disso, este estudo foi realizado numa instituição federal onde os funcionários recebem estímulo financeiro de acordo com aperfeiçoamento profissional.

A enfermagem tem como característica o trabalho em turnos, muitas são as pesquisas que relacionam o estresse ocupacional ao turno de trabalho. O plantão noturno altera o biorritmo de sono e mesmo quando esses profissionais, dormem durante o dia, o repouso e o sono não têm a mesma qualidade (FRANÇA, 2012).

O maior escore encontrado no estudo foi referente à variável carga horária, encontramos enfermeiros que relatam trabalhar mais que 70 horas semanais. Essas pessoas, também, desenvolvem atividade de gerência e assistência, entendemos que a simultaneidade dessas atividades deve ser feita em outra instituição já que a carga horária máxima encontrada na instituição estudada é por norma de 40 horas semanais.

As jornadas de trabalho dos profissionais de enfermagem são em sua maioria exaustiva, dado ao volume de usuários e a reposição de energia desses trabalhadores nem sempre é adequada. A dupla jornada de trabalho, muitas vezes, leva por si só à sobrecarga de trabalho. Desta forma, a exigência em excesso, fonte geradora de estresse, leva a diminuição do rendimento do trabalhador e do tempo dispensado para seu autocuidado e lazer. Formando-se, assim, uma situação em que o trabalho gera o estresse e diminuição do autocuidado pode gerar estresse crônico. É incontestável que o tempo destinado ao lazer é inversamente proporcional ao tempo destinado ao trabalho (MONTANHOLI et al., 2006).

A remuneração é um fator importante em qualquer profissão, os profissionais de enfermagem por trabalhar em turnos, tem a possibilidade de trabalhar em dois turnos e para suprirem a baixa remuneração acabam por trabalharem às vezes, em dois ou mais turnos. Percebemos que independente da área de atuação os enfermeiros que recebem menores salários, apresentaram menores escores. No entanto, pode-se dizer que os baixos salários obrigam o enfermeiro a ter no mínimo mais de um vínculo empregatício. A enfermagem continua a ser uma profissão em que predomina o sexo feminino, a maioria casada, em consonância com outras pesquisas (MARTINS, 2013) esse fato contribui para que muitas, optassem pelo trabalho noturno, destarte, estarão mais presente na vida familiar (OLIVEIRA, 2013).

De maneira geral os enfermeiros assistenciais obtiveram maiores escores de estresse em relação aos gerenciais. A literatura mostra que dentre as principais fontes de estresse na atividade do enfermeiro estão a sobrecarga de trabalho, além dos conflitos de funções, relacionamento interpessoal e gerenciamento de pessoal (OLIVEIRA, 2013). Sabe-se que a satisfação no emprego tem uma relação inversa com o nível de estresse que este provoca, pesquisa realizada em 2010, a autora comparou a satisfação na atividade de enfermeiros assistenciais e os gerentes e observou que esses últimos se mostraram mais satisfeitos com a realização das suas atividades que este achado pode ter uma relação com a autonomia dos gerentes (LINCH, 2010).

O presente estudo abordou a atividade de gerência e assistência distintamente, sendo o Gerenciamento de Pessoal o nó crítico para os enfermeiros assistenciais e a Sobrecarga de

Trabalho foi citada pelos enfermeiros que afirmaram desenvolver as duas atividades, os enfermeiros gerenciais revelaram maior dificuldade em relação ao conflito de funções. Os enfermeiros assistenciais podem sentir tal dificuldade por lidar em tempo integral com a própria equipe de enfermagem, direcionarem seus estudos e suas atividades para o cuidado direto ao paciente tendo muitas vezes dificuldade em delegar funções ou, como foi dito anteriormente deficiência na formação profissional, e ainda por não assumirem o papel de líder dentro da equipe (REZENDE, 2013).

Alguns estudos afirmam que a falta de formação específica em gerência, o excesso de burocracia, assim como, a sobrecarga de atividades são algumas das maiores dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros gerentes (DECKMAN, 2013). Outros estudos semelhantes abordam a formação do enfermeiro como administrador ou gestor, sugerindo uma reformulação na grade curricular, dando mais ênfase a formação nessa área (SANTOS, 2013) e mais, enfatizam que deve haver mais responsabilidade das instituições de saúde em geral, para promover e custear desenvolvimento de competências na área de gestão em enfermagem (DECKMAN, 2013). Os gerentes ainda enfrentam críticas da equipe de enfermagem, por acreditar que os gerentes deveriam trabalhar também na assistência direta. O que nos revela a fragmentação e a variedade das múltiplas exigências da função gerencial exercida pelos enfermeiros (DECKMAN, 2013). Essa desarmonia entre a formação acadêmica e a prática do enfermeiro resulta em tensão e conflitos. As escolas de enfermagem dão prioridade à prestação do cuidado com bases científicas. Contudo, na prática o que se espera desse profissional é o gerenciamento do serviço, e que claramente não se limita ao gerenciamento do cuidado (SANTOS, 2013).

Embora os gerentes tenham seus nós críticos o enfermeiro assistencial apresentou escore de estresse maior para todos os fatores e fontes, além do que já foi discutido é necessário contextualizar o local da pesquisa. A referida instituição é um hospital escola de grande porte, e conta com pequeno número de enfermeiros, nos dez setores estudados a população total foi de 48 profissionais. Trabalhar com número reduzido de profissionais e numa rotina com elevados números de procedimentos, advindo das mais complexas situações, exige da enfermagem uma atuação de responsabilidade técnica e habilidosa compreendida com conhecimento científico, como também estabilidade emocional. Além disso, o enfermeiro lida com as frequentes queixas da clientela por ser o profissional que está em contato direto com esses.

Dentre os fatores que de alguma forma parecem sobrecarregar as atividades laborais gerenciais e favorecer a prevalência de AMA, estão a ansiedade/depressão, aspectos da organização do trabalho como a produtividade, tempo de intervalo e horas trabalhadas, ambiente do trabalho, postura sentada ou tempo prolongado na mesma postura, trabalho repetitivo. Em particular, a relação entre estresse e distúrbios musculares ocorre a partir de um estressor que desencadeia uma cascata de reações fisiológicas que levam o indivíduo a tensão e sobrecarga muscular (MAGNAGO, 2009).

Contudo, os enfermeiros assistenciais apresentaram mais queixas em relação aos Distúrbios do Sono e Repouso. De acordo com a literatura os enfermeiros queixam-se principalmente de disfunções musculares seguidas do sono em repouso independente da atividade que exerce. Acreditamos que no presente estudo os enfermeiros assistenciais obtiveram maior escore de estresse no DSR pois a maioria disse trabalhar no período noturno, fato que desarmoniza o relógio biológico, enquanto todos os gerentes trabalhavam durante o período matutino na referida instituição.

5 Considerações gerais

O estudo mostrou que o estresse está presente na atuação do enfermeiro e a crença de que os enfermeiros que atuam na gerência são mais estressados não é sustentada neste trabalho. Os enfermeiros que prestam cuidado direto ao paciente apresentaram maior índice de estresse.

A simultaneidade de tarefas pode ser responsável pelo estresse do enfermeiro e sua equipe, e que quanto maior o estresse maior as chances de surgirem os sintomas. O estresse ocupacional nesse estudo esteve relacionado à atividade assistencial, aos baixos salários e à carga horária de trabalho elevada. A sobrecarga quantitativa e qualitativa de trabalho, a falta de controle sobre as atividades, a remuneração, a responsabilidade excessiva, a exposição a situações de enfrentamento, o trabalho rotineiro, a qualidade das relações interpessoais, a falta de segurança e a instabilidade no emprego são de fato estressores.

A equipe de enfermagem, maior força de trabalho hospitalar, passa por situações estressantes que leva-nos a assegurar a necessidade de se propor mudanças organizacional no ambiente de trabalho com o fim de diminuir estes fatores que acabam por interferir na saúde do trabalhador. O trabalho não pode constituir-se num fardo pesado, ou numa fonte de infortúnio ou desprazer. Ao contrário, deve proporcionar às pessoas condições de desenvolvimento de suas potencialidades e de auto-realização.

Cabe ressaltar aqui, que por mais eficiente que a instituição seja, ela sempre apresentará pontos a serem melhorados. O estudo revela que a referida instituição embora seja um hospital universitário, referencia no estado, a enfermagem vivencia as mesmas dificuldades que os demais serviços e os enfermeiros continuam em risco de adoecer devido aos fatores e fontes de estresse. Reconhecemos a importância das políticas e programas de valorização profissional existentes na instituição que dão melhores oportunidades e perspectiva de carreiras, melhorando a renda e estimulando o aprimoramento científico dos profissionais.

Espera-se que este estudo contribua para diminuir as tensões tanto do enfermeiro gerente quanto do assistencial, a partir do momento que se avalia as características e os nos críticos de cada atividade. Embora saibamos que essas atividades se completam e são inerentes a formação do enfermeiro.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Humaniza SUS**: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRUNNER, B.S.; SUDDARTH, D.S. **Tratado de enfermagem medico-cirúrgica**. 11º ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan. 2011.

CANOVA, K.R.; PORTO, J.B. O impacto dos valores organizacionais no estresse ocupacional: um estudo com professores de ensino médio. **Rev. Adm. Mackenzie**. v.11, n. 5, out. 2010.

CARDOSO, D.P.M. **Correlações entre Ações de Qualidade de Vida no Trabalho e Estresse Ocupacional**. (Monografia) 2012, 43f. Universidade de Brasília, 2012.

DECKMAN, L.R.; DEON, S.M.P.; SILVA, E.F.; LORENZINI, E. Competência gerencial na enfermagem: uma revisão integrativa management competences in nursing: an integrative review competencias gerenciales en la enfermería: una revisión integradora. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v.4, n. 2, p.389-400. 2013.

DESSEN, M.C.; PAZ, M.G.T. Bem-Estar Pessoal nas Organizações: O Impacto de Configurações de Poder e Características de Personalidade. **Psic.: Teor. e Pesq.** v. 26, n. 3, p. 549-556, jul-set. 2010.

FRANÇA, F.M.; FERRARI, R. Estresse ocupacional crônico eo setor de atuação dos profissionais de enfermagem da rede hospitalar. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, v. 3, n. 1, p. 531-545, 2012.

GADELHA, L. **Bem-estar e estresse no trabalho: relações com estilos gerenciais**.(Monografia) 2011 83f. Universidade de Brasília.

LAUTERT, L. O desgaste profissional: estudo empírico com enfermeiras que trabalham em hospitais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. 18(2); 133-144, 1997.

LAUTERT, L. O desgaste profissional: estudo empírico com enfermeiras que trabalham em hospitais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. 18(2); 133-144, 1997.

LINCH, G.F.C.; GUIDO, L.A.; FANTIN, S.S. Enfermeiros de unidades de hemodinâmica do Rio Grande do Sul: perfil e satisfação profissional. **Texto & Contexto Enferm**. v. 19, n. 3, p.488-95. 2010.

MAGNAGO, T.S.B.S.; LISBOA, M.T.L.; GRIEP, R.H. Estresse, aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios musculoesqueléticos em trabalhadores de enfermagem. **Revista de Enfermagem UERJ**. v. 17, n. 1, p.118-23. 2009.

MARTINS, M.B.; ARAÚJO, T.P.F. FERREIRA, L.B. PEIXOTO, H.M. Qualidade de vida de enfermeiros da atenção primária em saúde. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, v. 4, n. 2, p. 293-302, 2013.

MICHELIN, J.A.R.; SANTOS, L.M.R. Avaliação da Frequência da Síndrome de Burnout em Enfermeiros. **Cient., Ciênc. Biol. Saúde**. v. 11, n.3, p. 23-31. 2009.

MONTANHOLI, L.L.; TAVARES, D.M.S.; OLIVEIRA, G.R. Estresse: fatores de risco no trabalho enfermeiro hospitalar. **Rev Bras Enferm**. v. 59, n.5, p.661-665, out. 2006

OLIVEIRA, R.K.M., COSTA, T.D., SANTOS, V.E.P. Síndrome de burnout em enfermeiros: uma revisão integrativa. **R. pesq.: cuid. fundam. Online**,v.5, n.1, p.3168-3175, jan./mar. 2013.

REIS, J.N.; CORR A, A.K. Unidade de emergência: stress x comunicação. In: SIBRACEn, 2, Ribeirão Preto, 1990. Anais., Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1990. p. 528-38.

REZENDE, B.C.; VASCONCELOS, R.M.A.; LIMA, S.S.; SANTOS, P.S.; ALEIXO, M.L.M. dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros na prática da liderança em enfermagem: uma revisão da literatura. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v.4, n. 2, p.401-16. 2013.

SANTOS, J.L.G.; PESTANA, A.L.; GUERRERO, P.; MEIRELLES, B.S.H.; ERDMANN, A.L. Práticas de enfermeiros na gerência do cuidado em enfermagem e saúde: revisão integrativa. **Rev Bras Enferm**, Brasília. v. 66, n.2, p. 257-263, mar-abr. 2013.

SELYE, H. 1956 *Apud* LAUTERT, L.; CHAVES, E. H. B.; MOURA, G. M. S. S. O estresse na atividade gerencial do enfermeiro, **Rev Panam Salud Publica, Pan Am J Public Health**, v. 06 n.06, 1999.

ZAKABI, R. Stress: como viver com ele e usá-lo de modo positivo. **Veja**. v. 37, n. 6, p. 66-75. 2004.